

O FACEBOOK COMO INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DO SENSO COMUM ON-LINE: Um estudo da comunidade virtual JornalistasRJ

FACEBOOK AS A TOOL FOR THE CONSTRUCTION OF COMMON SENSE ONLINE: A study in the virtual community study JornalistaRJ

TATIANA CIONI COUTO¹

Resumo: O estudo tem como objetivo observar como uma comunidade *on-line* pode construir um senso comum e formar uma comunidade interpretativa, onde os integrantes circulam conhecimento próprio por meio das ferramentas digitais disponíveis em redes sociais. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica explorando conceitos dos teóricos Berger e Luckmann, Zelizer, Recuero, Bauman, Sá, Douglas dentre outros; e do estudo de caso na comunidade JornalistasRJ observando os conceitos: comunidade, interação social, pertencimento, ritual de marcação e Comunicação Mediada pelo Computador. Conclui-se que na comunidade virtual, todo conteúdo é organizado, formando assim um signo compreendido e dotado de sentido. Por meio da interação social *on-line* há o surgimento dos signos e temas que adquirem um formato ideológico. O discurso circulado na rede social parece adquirir o poder que Foucault (2011) cita em sua obra. Com certo grau de comprometimento, os membros auxiliam na Cultura da Participação. As interações sociais e os laços criados podem auxiliar a formação do senso comum *on-line*. Neste aspecto, percebe-se que o JornalistasRJ ao ter um grau de participação diária, pode criar ‘teias de significado’. As mensagens dos membros “tendem para” um sentido, introduzem tensões inteiramente diferentes em cada usuário da rede e por isso podem mover-se em diferentes esferas.

Palavras-chaves: Comunidade virtual; senso comum; autoridade cultural; Facebook.

¹ Tatiana Cioni Couto é pós-graduada em Jornalismo Digital pela Faculdade Estádio de Sá (2003) e Marketing pela Cândido Mendes – projeto a Vez do Mestre (2008) e docente da Faculdade Pinheiro Guimarães (2010-atual). E-mail: tatianaccouto@hotmail.com.

Abstract: The study aims to observe as an online community can build a common sense and form an interpretive community, where members circulate through proper knowledge of digital tools available on social networks. The methodology used was the literature research exploring theoretical concepts of Berger and Luckmann, Zelizer, Recuero, Bauman, Sa, Douglas and others, and the case study community JornalistasRJ observing concepts: community, social interaction, belongingness, ritual marking and Computer Mediated communication. It is concluded that the virtual community, all content is organized, thus forming a sign understood and endowed with meaning. Through social interaction online is the appearance of signs and subjects that acquire an ideological format. The speech circulated on social network seems to acquire the power that Foucault (2011) cites in his work. With a certain degree of commitment, members assist in Culture of Participation. Social interactions and the bonds created can assist the formation of common sense online. In this respect, it is clear that the JornalistasRJ to have a degree of daily participation may create 'webs of meaning'. Messages members "tend to" a sense introduce tensions entirely different in each network user so they can move in different spheres.

Keywords: Virtual community; common sense; cultural authority; Facebook.

O presente estudo tem como objetivo observar a página JornalistasRJ dentro do Facebook e as características de comunidade virtual (SÁ, 2005) como construtora de senso comum, onde os integrantes circulam conhecimento próprio por meio das ferramentas digitais disponíveis em redes sociais. Como método, foram realizadas duas etapas para a pesquisa: uma netnografia para esboçar respostas que permitem considerações sobre os usos específicos da comunicação por computador, envolvendo questões de pertencimento; territorialidade e vínculo dos participantes do grupo em questão (SÁ, 2005, p.45) e a pesquisa bibliográfica acerca do tema, observando os conceitos: comunidade, interação social, pertencimento, ritual de marcação e Comunicação Mediada pelo Computador.

A comunidade 'JornalistasRJ'

Criado em fevereiro de 2012, o JornalistasRJ congrega profissionais e estudantes de jornalistas que moram ou trabalham no Rio de Janeiro. Na comunidade virtual, o grupo se descreve:

Somos um grupo de convivência na web, livre e independente, criado para reunir profissionais que atuam ou atuaram em veículos, assessorias de imprensa ou outras áreas da Comunicação no Rio de Janeiro, que sejam daqui, vivam, tenham vivido ou atuado por essas bandas. Nosso principal interesse é promover o networking saudável e a troca de informações e conhecimentos que estimule a cultura da colaboração entre coleguinhas de diferentes posições e perspectivas do Jornalismo em suas mais diversas funções (JORNALISTASRJ, 2012).

Com 4327 membros², dado atualizado no dia 12/03/2012, a comunidade especifica quem pode pertencer ao grupo:

JornalistasRJ é um grupo pra quem é do tempo em que pra ser jornalista era preciso cursar quatro anos de faculdade, aprender História do Rádio, da TV, Filosofia, Antropologia, Sociologia..., além das técnicas de reportagem, redação, fotojornalismo etc ... Tudo isso recheado a muita ralação e pescoções intermináveis numa redação!!! É um espaço pra gente da geração X do Jornalismo, ainda do tempo do telex, do fax, da máquina de escrever... Mas, sobretudo, do jornalismo levado a sério, quando ainda se acreditava utopicamente que era possível mudar o mundo e as pessoas com notícias verdadeiras, que prezavam pela imparcialidade. Como nos velhos tempos de foca!!! Um grupo pra quem ainda não sabe o que fará com seu diploma... Ou até já perdeu o seu!!! E, como não temos qualquer preconceito, é um grupo também pra quem está chegando agora... Pra essa gente da geração Y, em tempos de redes sociais, da cultura do "eu-repórter", do compartilhamento de informações e do conhecimento. Enfim, é um espaço plural, pra todas as cores e formas da Comunicação feita por jornalistas!!! A ideia aqui é trocar ideias, promover o conteúdo livre e independente, com interação total! Só não vale ofensas e baixarias, ok, coleguinhas? (Idem).

A comunidade utiliza do ciberespaço para trocar informações na área do jornalismo, como informações de dados (telefones, endereços), pedidos de fontes (personagens para matérias), realizar enquetes, marcar encontros presenciais, promover avisos de pautas e releases e divulgação de vagas e cursos na área. As postagens são feitas com textos, fotos ou vídeos, utilizando o potencial multimídia disponível dentro da WWW.

Os seguidores da página participam na comunidade virtual compartilhando informações e comentando suas opiniões. A interação entre os membros ocorre diariamente, mesmo não sendo obrigatória a participação.

Por meio das mensagens postadas, cada membro participa da comunidade de uma maneira diferente: Seja curtindo, comentando, compartilhando ou mesmo marcando outros amigos da rede.

Em outras palavras, os jornalistas engajam-se ativamente em discussões e argumentações culturais e, na realização do seu trabalho, debatem com outros repórteres os temas que lhes se apresentam como importantes (ZELIZER, 1992, p.11).

Dentro da comunidade, o espaço é estruturado e dividido em abas: JornalistasRJ onde há o espaço para os *posts*; Sobre (descrição do grupo); Eventos, Fotos (dos encontros presenciais) e Arquivos, onde são colocados o chamado *mailing list* (telefones, endereços, e-mail, celulares e nomes dos repórteres de cada mídia existente).

Para entrar na comunidade é preciso ser aceito pelos administradores do grupo. Após a permissão, o membro pode postar sua mensagem. Ainda há a opção de seguir determinada publicação do interesse para acompanhar todas as respostas de determinado *post*. As postagens dos administradores do grupo são fixadas, ou seja, permanecem no topo das demais participações. Geralmente são para comunicar ou lembrar as regras da comunidade ou então fazer enquetes sobre os encontros presenciais.

Todas as publicações ficam armazenadas dentro da comunidade. Os assuntos são organizados por etiquetas (*tags*): Vagas, Cursos, Fontes e Pautas. No caso de Vagas, são colocadas tanto oportunidades de trabalho como concursos na área. Em Cursos, o autor coloca a informação do tema, local, data e horário em formato de panfleto digital (foto) ou por *link* que leva a página oficial do evento em questão. Em Fontes, os membros pedem tipos de profissionais específicos para realizar a produção de uma matéria. Na categoria Pautas, há envio de sugestões de matérias para os jornalistas.

Na ferramenta Enquete, os membros do grupo escolhem o local do encontro mensal presencial por votação, conforme opções expostas pelos administradores do JornalistasRJ. A chamada “Pauta de Boteco” é realizada no Rio de Janeiro com a

presença dos administradores do grupo e de quem quiser participar. Existem ainda publicações fixadas que são as mensagens dos administradores do grupo, como atenção de moderação de postagens ou ainda da chamada para participar de enquete. Aquelas que são fixadas ganham destaque no item principal antes de qualquer outro *post*.

A escolha de uma rede de relacionamento

Pesquisa do Ibope (2012) aponta que fóruns, blogs, microblogs e outras páginas de relacionamento alcançaram 39,3 milhões de pessoas em agosto de 2011. O sucesso das redes sociais apoia-se em instrumentos que permitem cooperação, compartilhamento, interação e participação potencializada pela Web 2.0 – fase caracterizada pelos blogs, *wikis*, *folksonmics*, *youtubes*, que formariam as redes sociais (ANTOUN, 2008, p.19).

De acordo com a ComScore (2012), empresa de pesquisa de hábitos na Internet, o Facebook tornou-se a rede de relacionamentos mais acessada no Brasil, chegando a alcançar 36,1 milhões de visitantes em dezembro de 2011.

Basta entrar na rede de relacionamento para encontrar vários comentários, opiniões, compartilhamentos, links, vídeos, mobilizações e socializações *on-line*, como ressalta Shirky (2011, p. 48):

As pessoas agora se manifestam sobre os assuntos um milhão de vezes por dia, em incontáveis tipos de comunidade em comum. A possibilidade de os membros da comunidade falarem uns com os outros, às claras e em público, é uma grande transformação, que tem valor mesmo com a impossibilidade de se filtrar a qualidade.

Na Cultura da Participação (SHIRKY, 2011), a publicação de pensamentos não precisa mais de autorização, basta acionar o botão Publicar. Do outro lado da tela, haverá uma pessoa para comentar, compartilhar ou curtir. A partir das trocas começa-se a conversação: “A conversação é uma das práticas mais recorrentes na Comunicação Mediada por Computador - CMC e uma das apropriações mais evidentes em seu universo” (RECUERO, 2012, p.27).

A CMC permite a conexão dos indivíduos e a formação de um espaço de trocas dentro da internet, como pontua Lemos (2008, p. 138):

O ciberespaço é hoje um espaço (relacional) de comunhão colocando em contato, através do uso de técnicas de comutação eletrônica, pessoas do mundo todo. Elas estão utilizando todo o potencial da telemática para se reunir por interesses comuns, para bater papo, para trocar arquivos, fotos, música, correspondência.

Nesta comunhão, ressaltada por Lemos, nota-se trocas diárias de mensagens, algumas delas estabelecendo um novo ritual de marcação. Tais marcações são típicas da construção das redes de relacionamento:

Os bens fornecem “marcação de serviço” nos “rituais de consumo”. Ir a um casamento contribui com uma “marcação de serviço” para o feliz casal, ir a um funeral é uma “marcação de serviço” para os enlutados, visitar um doente é uma “marcação de serviço” para o paciente, vale o mesmo para uma festa de aniversário ou despedida, ou para a presença de um jantar semanal de domingo. Nessas demonstrações, o consumo é um sistema de rituais recíprocos que envolvem gastos para a marcação apropriada da ocasião, seja dos visitantes e anfitriões, seja da comunidade em geral. O que chamamos de rituais de consumo são as marcas normais da amizade (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006, p.40).

Como na internet, a tecnologia é apropriada e modificada (CASTELLS, 2003), surge desse modo a marcação *on-line*, o estabelecimento da comunhão sem a presença *off-line*. Para conversar e chamar atenção do amigo, basta *linkar* o nome da pessoa ao comentário. Ao realizar essa demarcação, é estabelecido um sentido próprio pelo membro, que reconhece dentro da rede quem se encaixa melhor dentro de determinada mensagem. O mesmo "ritual" é feito ao compartilhar o *post*.

Na figura 1, uma participante da comunidade comunica que está trabalhando na editoria de educação. Outros membros marcam seus amigos dentro da mesma rede para chamar atenção ao assunto. Um dos comentários pontua que outro colega trabalha em determinada editoria e faz o *link* com o nome do amigo. No segundo comentário, a pessoa faz o *link* com a própria autora do *post* para sugerir uma pauta relacionada ao assunto.

Figura 1: Postagem de membro do grupo que procura por pauta



Fonte: JORNALISTASRJ. Disponível em: <http://www.facebook.com/#!/groups/JornalistasRJ/members/> Acesso em: 01/08/2012.

A marcação em rede no JornalistasRJ é uma prática comum, já que através dela, os participantes podem debater determinado assunto, ou então usar para chamar atenção dos membros, seja para vagas abertas ou cursos disponíveis. No quadro abaixo, uma participante utiliza a *tag* de Vagas, para disponibilizar uma vaga de trabalho em aberto. Outros membros chamam a atenção de amigos que estão procurando trabalho, utilizando do mesmo procedimento de marcação *on-line* do nome. Outro membro curte a postagem e também agradece a autora do *post*, chamando-a de "amiga".

Figura 2: Postagem de membro que oferece vaga de trabalho



Fonte: JORNALISTASRJ. Disponível em: <
<http://www.facebook.com/#!/groups/JornalistasRJ/members/>> Acesso em: 01/08/2012.

A participação dos integrantes inclui tanto pessoas da rede de amizade pessoal, como de membros da comunidade virtual. O elo é baseado em um senso comum, já que levam em conta gostos e interesses pessoais. A afinidade é construída antes *on-line* do que *off-line*, como atenta Palacios (1996, p.93):

Outro aspecto interessante da sociabilidade nas comunidades virtuais é que o processo de formação do laço de afinidade social sofre uma espécie de inversão. Expliquemo-nos. Nos processos sociais da ‘vida real’ (IRL) estamos acostumados a encontrar fisicamente as pessoas, conhecê-las pouco a pouco e, à medida que aprofundamos tal conhecimento, vamos, cada vez mais, intercambiando informações, identificando áreas de interesse comum e interagindo em função delas e, nesse processo, conhecendo-as. Nas comunidades virtuais, o processo parece inverter-se: interagimos inicialmente de maneira muitas vezes profunda, em função de interesses comuns

previamente determinados, conhecemos as pessoas e, só então, e quando possível encontramos fisicamente tais pessoas.

Na figura 3, a participante procura uma repórter específica da Revista Isto É, por meio de mensagem postada e em menos de uma hora já obtém o dado necessário que procurava. Antes de obter a informação desejada, ainda tem comentário de outro membro pedindo para enviar informação caso se “enquadre” em pauta. O autor do *post* se identifica e envia os dados de e-mail pessoal.

Figura 3: O membro da rede procura um contato específico



Fonte: JORNALISTASRJ. Disponível em: <
<http://www.facebook.com/#!/groups/JornalistasRJ/members/>> Acesso em: 01/08/2012.

Nas teias da Web, as tipificações da interação social abordadas por Berger e Luckmann ganham um contorno diferente: ultrapassam o contato pessoal e ganham local para uma socialização secundária. No ambiente do ciberespaço, há a possibilidade da formação de amigos dos amigos dentro da rede. São os amigos virtuais que não se conhecem pessoalmente, mas formam uma socialização por meio das conversas *on-line*.

Como ressalta Recuero (2012), a era da Comunicação Mediada por Computador traz a formação de laços sociais e relações sociais *on-line*, sem a necessidade do contato

face a face (BERGER e LUCKMANN, 2011). É uma nova construção social da realidade por meio de conexões em rede:

As conexões são os elementos mais complexos dessas redes, afinal, são elas que unem os atores em grupos sociais (representados nos gráficos, pelas arestas). Nas redes sociais, essas conexões são constituídas principalmente de relações sociais, ou seja, de relações criadas através de eventos de fala e de troca de informações entre atores, que terminam por construir laços sociais (RECUERO, 2012, p.129).

Como o Facebook é uma das maiores ferramentas de comunicação atuais (RECUERO, 2012, p.15), nota-se o uso do ambiente para estreitar as conexões. O ambiente reúne um grande número de pessoas, propício para formação de comunidades que possam criar vínculos e maior participação, como atenta Shirky (2011, p. 177):

O Facebook diz que tem mais de 300 milhões de usuários, mas nenhum deles tem a experiência de pertencer a um grupo de 300 milhões. Em vez disso, os usuários do Facebook se juntam em grupos muito menores, com dezenas de amigos. Esses agrupamentos são consideravelmente mais envolvidos uns com os outros.

O uso das ferramentas disponíveis dentro do Facebook promove diretamente a formação de comunidades virtuais de pertencimento, que levam a formação de locais dotados de significados e significações. É na construção das comunidades, que as pessoas se “reconhecem” e conseguem se relacionar e interagir. No caso do JornalistasRJ, é no ambiente onde eles constroem um senso comum.

A comunidade virtual como autoridade cultural

Na comunidade virtual JornalistasRJ, os membros utilizam de textos que cumprem a função de comentários, em uma possível obtenção de poder, como aponta Foucault (2011, p.22): “Discursos que, para além da sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. Estão dentro do nosso sistema de cultura”. Por meio das mensagens, o grupo adota uma série de procedimentos internos, que podem levar a uma noção de juízo, como destaca Zelizer: “a autoridade cultural ajuda os jornalistas a utilizarem suas interpretações dos eventos públicos de modo a se

constituírem em comunidades autorizadas”. Membros podem agir como fonte de conhecimento codificado e quando os outros participantes compartilham noções semelhantes, podem até criar sua própria versão do fato (1992, p. 2 e 3).

Conforme podemos verificar na figura 4, um participante da comunidade virtual pede uma fonte dentro de um perfil específico: Cientistas políticos ou especialistas em economia política para comentar um plano de financiamento de um plano de saúde. Outro participante já sugere o especialista para criar a matéria dentro da linha editorial pensada.

Figura 4: O membro procura uma fonte especialista



Fonte: JORNALISTASRJ. Disponível em: <http://www.facebook.com/#!/groups/JornalistasRJ/members/> Acesso em: 01/08/2012. <

A possibilidade de redigir uma matéria por meio da “construção” de interpretações, na escolha de “personagens”, fontes que se tornam autorizadas e credenciadas pelo grupo, tornam o JornalistasRJ uma comunidade interpretativa:

O modo como os jornalistas atribuíram o poder de interpretação, as maneiras pelas quais certas interpretações difundiram-se através das empresas noticiosas e o modo como os repórteres marginalizaram outros grupos que tinham versões alternativas dos mesmos eventos são revelados pelos seus padrões de repetição da narrativa. Esses padrões sugerem que os jornalistas funcionam como uma comunidade interpretativa, como um grupo que se auto-credencia através de suas narrativas e suas memórias coletivas (ZELIZER, 1992, p.13).

As mensagens dentro da comunidade possuem uma série de significações que são partilhadas (BERGER e LUCKMANN, 2011). No caso do JornalistasRJ, as trocas de mensagens são todas dentro da área de interesse do grupo. Cada membro reconhece a postagem e já faz sua própria interpretação ao compartilhar, curtir e marcar outros amigos da rede.

Geralmente um tópico tem mais de um comentário, revelando a participação dos membros. Para chegar a um senso comum em certos debates, os participantes trocam informações entre si, como no caso das pautas e fontes. Os links adquirem importância dentro da comunidade:

Os hipertextos, seja on line (web) ou off-line, são informações textuais combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a promover uma leitura (ou navegação) não linear, baseada em indexações e associações de ideias e conceitos, sob a forma de links. Os links funcionam como portas virtuais que abrem caminho para outras informações (LEMOS, 2008, p.122).

Diversos *posts* utilizam os *links* para divulgar diversas informações dentro dos temas da comunidade (vagas, concursos, pautas, fontes); compartilhar assuntos como comportamento perante a mídia (agressões verbais ou físicas com jornalistas) e que são colocados para debate no grupo ou ainda usar o ciberespaço para divulgar os trabalhos

realizados de cunho autoral. Se for necessário os tópicos são contextualizados pelos autores com fotos e vídeos.

O hipertexto torna-se uma estrada onde cada membro pode decidir uma ação. A velocidade da troca de informações auxilia a circular os discursos e principalmente construir sentidos comuns dentro de determinados tópicos.

Considerações Finais

O JornalistasRJ torna-se ponto de encontro para trocas diversas por meio das ferramentas existentes dentro do sistema, principalmente pelo mural para publicar textos, fotos e vídeos e a possibilidade de compartilhamento e comentário de outras mensagens. O fato da discussão estar centrada em ambiente aparentemente amigável e seguro, onde há a sensação de estar sendo sempre ouvido, torna a comunidade virtual um lugar onde todos se entendem bem (Bauman, 2003).

A comunidade virtual possibilita esse “estar juntos” e “não ser estranhos”: são pessoas com os mesmos interesses, conectadas em rede, o que potencializa a formação de um capital social cognitivo, onde se realiza a soma do conhecimento e das informações colocadas em comum (Recuero, 2010, p.51).

Ainda através da participação diária no canal do JornalistasRJ, é formada uma ‘comunidade letrada’, onde o plebiscito diário depende do grau de comprometimento dos membros para manter a discussão aberta (SÁ, 2005, p.90). A troca de informação, o debate, o compartilhamento acabam traduzidos em muitas postagens *on-line*.

Os dispositivos tecnológicos disponíveis dentro das redes sociais tornam-se instrumentos de convergência, pois facilitam mover as mensagens em múltiplas plataformas, mas o sucesso das comunidades virtuais depende de envolvimento. Sem a participação ativa não há circulação dos conteúdos (Jenkins, 2009). Dentro deste contexto, o modo como os assuntos são debatidos, a marcação de amigos ou membros do JornalistasRJ, os compartilhamentos, comentários e até o fato de curtir, facilitam a formação e continuidade de uma comunidade virtual.

Entre os comentários que estão dentro da página virtual, percebe-se uma organização do conteúdo, seja por *tags* ou mesmo outras classificações feitas pelo grupo dentro de regras pré-estabelecidas do JornalistasRJ, onde as mensagens tornam-se signos compreendidos e dotados de sentido (BAKTHIN, 1998). Assim, nas postagens e nas interações sociais que acontecem on-line, temas adquirem um formato ideológico.

O discurso circulado parece adquirir o poder que Foucault (2011) cita em sua obra. As postagens seriam os procedimentos internos (comentários) que auxiliam as mensagens a circularem e tomarem um determinado sentido. Neste aspecto, o comentário acaba dizendo o que estava no primeiro texto, ou seja, retoma a primeira postagem, sendo retomando o assunto até chegar a um consenso.

O ambiente torna-se propício a criar ‘conhecimento humano’ desenvolvido e transmitido em situações sociais que podem auxiliar a formação do senso comum *on-line* (Berger e Luckmann, 2011, p.13). Nas interações, haverá interpretações tidas como certas, onde a consciência irá tender ou ser dirigida para objetos, de modo que entre as múltiplas realidades, uma será apresentada como realidade por excelência (idem, ibidem, p.37-38). Desta forma, a linguagem dentro do JornalistasRJ pode estar repleta de ‘objetos de significação’.

Neste aspecto, percebe-se que o JornalistasRJ ao ter um grau de participação diária, pode criar ‘teias de significado’. A comunidade assim ganha dupla inserção material simbólica, enquanto objeto e também como processo. (SÁ, 2005, p.39), tornando-se um ambiente virtual de constante de negociação e produção de sentido, estrutura e cultura comum (idem, ibidem, p.59).

Com o senso comum revela-se em um consenso, no momento em que se chega a uma conclusão tida como correta. Certos elementos podem mostrar a lidar com determinadas situações, como por exemplo, a determinação de como seguir uma pauta. Do mesmo modo, dados, regras e condutas de comportamento, ou mesmo posições são tomadas em decisões em grupo. Os esquemas tipificadores podem auxiliar na construção de uma realidade própria da comunidade virtual por meio das interações que acontecem no ambiente on-line. Os comentários nunca acabam: definido aquele discurso que será dito, começa-se um novo ciclo: um novo comentário que ainda será

colocado, assim começa-se uma nova discussão que irá se encerrar somente quando chegar a outro consenso. Como diversos posts são armazenados dentro da página, é possível acompanhar aqueles comentários que já foram ratificados, ou seja, validados pela maioria. Do mesmo modo, aquelas outras mensagens que não foram retificadas retornam ao contexto da discussão em grupo.

Neste âmbito, pode-se perceber que o Facebook auxilia a perpetuação dos signos ideológicos e logo pode ser o ambiente ideal para refletir ou refratar uma realidade: ao ser fiel ou a distorcê-la de um ponto de vista específico, há uma avaliação ideológica, ou seja, uma decisão do que é verdadeiro ou falso, justificado ou injustificado, mal ou bom, tornando a comunidade JornalistasRJ um local de valor semiótico (Backhtin, 1998, p.30). Neste sentido, as interpretações legítimas construídas no ciberespaço, podem servir de fundamento para enquadramentos e diretrizes dos membros da página virtual em um processo de construir determinadas realidades. Visto que a seleção e formação dos assuntos dependem da troca coletiva, há a formação de uma autoridade cultural: escolhendo e selecionando aquilo que lhes parece ser preferível e estrategicamente importante dentro da comunidade (Zelizer, 1992, p.11).

O caráter multimídia e os diversos dispositivos tecnológicos podem ajudar na interatividade e participação da comunidade virtual. Os elos criados dentro a página virtual podem auxiliar uma sociabilidade via computador, mas ainda não foi eliminado o face a face, já que os membros fazem questão do encontro presencial. Ao cruzar o *off-line* e *on-line* talvez seja o momento onde mais realidades sejam partilhadas ou então certas legitimações sejam realmente efetuadas. A autoridade cultural ao construir a realidade precisa do *off-line* ou pode viver somente do ciberespaço para propagar valores, sejam pelas publicações, compartilhamentos ou comentários? Ainda é muito cedo para afirmar isto, até porque a comunidade JornalistasRJ completou um ano de vida até o ano de 2013 e por isso ainda deve ser observada.

Referências

ANTOUN, Henrique (Org.). *Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1998.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COMSCORE. Disponível em: <http://www.comscore.com/por/Press_Events/Press_Releases/2012/1/Facebook_Blasts_into_Top_Position_in_Brazilian_Social_Networking_Market> Acesso em 17/6/2012.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 21. Ed. São Paulo: Loyola, 2011.

IBOPE. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=cald&comp=IBOPE+Nielsen+Online&docid=C2A2CAE41B62E75E83257907000EC04F>> Acesso em: 28/5/2012.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

JORNALISTASRJ. Disponível em: <<http://www.facebook.com/#!/groups/JornalistasRJ/members/>> Acesso em: 01/08/2012.

LEMONS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PALACIOS, Marcos. Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço: apontamentos para discussão. In: *O Indivíduo e as massas: ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo*. FAUSTO NETO, Antônio e JOSÉ PINTO, Milton. RJ: Diadorim, 1996.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. *A conversação em rede: comunicação medida pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SÁ, Simone. *O samba em rede: comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca*. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ZELIZER, Barbie. *Covering the body: the Kennedy assassination, the media, and the shaping of collective memory*. Chicago & London: University of Chicago Press, 1992. 299p Cap. 1: Introduction: narrative, collective memory and journalistic authority. p. 1-13. Traduzido para o português por MTGF de Albuquerque. Rev. técn. de A. de Albuquerque.